Ano I—N.º 15 8—8—1920

A COMUNA

ORGÃO COMUNISTA LIBERTÁRIO (Antigo quinzenário A AURORA)

PROPRIEDADE DO GRUPO DE PROPAGANDA LIBERTÁRIA — (Formulaire de la loi contre la presse)

Editor: ANTÓNIO R. SANTOS

Comp. na Tip. de «A COMUNA»—Imp. na Tip. A INTERMEDIÁRIA, Porta do Sol, 32

Redactor principal: ANTÓNIO TEIXEIRA

Redacção e Adm., (Provisória): RUA DO SOL, 131 — PORTO

CORRESPONDÊNCIA: APARTADO 17

Administrador: DAMIÃO CASTELO

NÚMERO AVULSO: 5 CENTAVOS — Série de 10 números: 550

UM DOCUMENTO HISTÓRICO SÔBRE A REVOLUÇÃO E SITUAÇÃO NA RÚSSIA

MENSAGEM AOS TRABALHADORES BRITÂNICOS

Embora em desacôrdo com as suas opiniões de então, fomos nós quem, no comêço da guerra, traduziu e deu a conhecer aos camaradas portugueses, por intermédio de um extinto diário lisbonense, a célebre e tam discutida carta de Krapotkine ao dr. Stephens.

Hoje temos o prazer de traduzir e dar também a conhecer aos camaradas portugueses um novo e valioso documento histórico de Krapotkine — a mensagem por êle enviada ao operariado britânico por intermédio do delegado da missão, Margaret Boudfield, que visitou a Rússia, e, particularmente, Krapotkine na sua residência, em Dmitroff, perto de Moscou, no dia 10 de Junho findo.

As opiniões de Krapotkine sôbre a Revolução Russa, a Ditadura do Marxismo (em *nome* do proletariado), a desvantagem da intervenção estranha nos negócios da Rússia, etc., são bem claras e bem precisas, mesmo para aqueles que as queiram designar como de pura filosofia anarquista. Quanto às notícias de Krapotkine, elas são as mais tranquilizadoras, sabendo-se que o presidente de um comício, a que assistiu a missão inglesa, declarou que «todos estavam satisfeitos por ter entre si quem tanto tem lutado pelas ideas de liberdade para o povo russo». — *Grand Gosse.*

Preguntais-me se não tenho alguma mensagem para enviar aos trabalhadores do Occidente. Tenho. Há muito que dizer dos actuais acontecimentos da Rússia e, igualmente, muito que aprender deles. A mensagem poderia ser longa: mas eu referir-me hei sòmente a alguns pontos principais.

Em primeiro logar, os trabalhadores do mundo civilizado e os seus amigos de outras classes, devem obrigar os respectivos govêrnos a abandonar inteiramente a idea de uma intervenção armada nos negócios da Rússia — intervenção aberta ou disfarçada, militar ou em fórma de auxílio às diferentes nações.

A Rússia está agora a viver uma revolução tam profunda e da mesma importância da da Inglaterra em 1639-1648 e da França em 1789-1794; e tôdas as nações deveriam recusar-se a desempenhar o vergonhoso papel que a Inglaterra, a Prússia, a Austria e a Rússia desempenharam durante a Revolução Francesa.

Súbretudo, deve ter-se em vista que a Revolução Russa — enquanto procura construir uma sociedade onde todo o produto do esfôrço comum do Trabalho, perícia, técnica e conhecimentos scientíficos, iriam integralmente para a República (Commouwealth) — não é um mero acidente nas lutas de diferentes partidos. E' alguma coisa que tem vindo sendo preparada há quase um século pela propaganda socialista e comunista: desde os tempos de Roberto Owen, St. Simon e Fourier; e além de que, a tentativa para introduzir a nova sociedade por meio da ditadura de um partido está aparentemente condenada a uma falência, deve, não obstante, reconhecer-se que a Revolução já introduziu, na nossa vida de todos os dias, novas concepções sôbre os direitos do Trabalho, a sua verdadeira posição na sociedade e os deveres de cada cidadão, concepções que jamais serão olvidadas.

* * *

Não só os trabalhadores, mas todos os elementos progressivos das nações civilizadas, devem pôr um termo ao apoio dado até aqui aos adversários da Revolução. Não porque não haja nada a opôr aos métodos do govêrno bolxevista! Longe disso! Mas porque, cada intervenção armada de uma potência estrangeira, necessáriamente redunda num refôrço das tendências ditatoriais dos dirigentes, e paraliza os esforços dos Russos que estão prontos a auxiliar a Rússia, independentemente do Govêrno, na reconstrução da sua vida em novas bases.

Os males, naturalmente inerentes à ditadura de um Partido teem sido assim aumentados pelas condições de guerra sob que êste Partido se mantêm. O estado de guerra tem sido uma desculpa para fortalecer os métodos ditatoriais do partido, assim como a tendência para centralizar tôdas as condições da vida nas mãos do Govêrno — com a agravante de que imensos ramos da actividade usual da nação, teem sido obrigados a paralizar. Os males naturais do Estado comunista são assim aumentados dez vezes mais, sob a desculpa de que tôdas as desgraças da nossa vida são devidas à intervenção dos estrangeiros.

Por outro lado, devo declarar que, a continuar uma intervenção armada dos Aliados, isso certamente desenvolverá, na Rússia, um amargo sentimento contra as nações Occidentais, sentimento que, algum dia, será utilizado pelos seus inimigos, em possíveis conflitos futuros. E, francamente, tal amargor já se está desenvolvendo.

Já é tempo, pois, das nações occidentais da Europa entrarem em relações directas com a Rússia. E neste sentido, vós — as classes trabalhadoras e as *nuances* avançadas de tôdas as nações — deveis falar.

Uma palavra mais acêrca da questão geral. A renovação das relações entre os países da Europa e da América com a Rússia, não quere dizer admissão de uma supremacia da nação Russa sôbre as outras nacionalidades, das quais o império dos Tzares era composta. A Rússia imperial morreu — não voltará a viver. O futuro das várias províncias que compunham o império, reside no sentido de uma grande Federação. Os territórios naturais das diversas partes dessa Federação, são completamente diferentes, para aqueles que, como nós, intimamente conhecem a história da Rússia, a sua etnografia e a sua vida económica; e as tentativas para agrupar tôdas as partes constituintes do império Russo — a Finlândia, as províncias Bálticas, a Lituânia, a Ucrânia, a Geórgia, a Arménia, a Sibéria e outras mais — sob um govêrno central, estão condenadas a um grande fracasso. O futuro do que foi o Império Russo, está no sentido de uma Federação das unidades independentes. No interêsse de tôdas as nações Occidentais, seria, portanto, excelente, que elas declarassem antecipadamente que reconheceriam o direito de se governar a si próprias qualquer parte daquilo que uma vez foi o Império Russo.

* * *

Quanto aos meus pontos de vista sôbre o assunto, êles vão mais longe. Eu vejo a aproximação, num futuro próximo, dos tempos em que qualquer parte dessa Federação ha-de ser, ela própria, uma federação de Comunas rurais livres e das cidades livres; e, eu acredito ainda que muitas partes da Europa Occidental em breve serão impelidas nessa direcção.

Referentemente à nossa situação económica e política presente — a Revolução Russa é a continuação das duas grandes Revoluções na Inglaterra e na França — a Rússia quere continuar a obra da Revolução francesa, que estacou há cento e vinte e tantos anos. E, no entanto, essa obra foi descrita, então, como uma *igualdade real* (égalité de fait), que é a igualdade económica.

Infelizmente esta tentativa foi empreendida, na Rússia, sob a forma de ditadura severa e extremamente centralizada de um partido — o partido dos maximalistas da Social democracia, e moldada totalmente na centralista e jacobinista conspiração de Babeuf. Acêrca desta tentativa, devo dizer-vos que, na minha opinião, o desejo de construir uma República Comunista, baseada num comunismo estatal, estritamente centralizado, com um govêrno de ferro que realiza a ditadura dum partido, está terminando numa falência. Aprendemos na Rússia que o comunismo não pode ser introduzido desta maneira, ainda mesmo que as populações, fartas do velho regime, não oponham uma séria resistência às experiências interpretadas pelos novos dirigentes.

A idea dos Sovietes, isto é, a idea dos conselhos de operários e camponeses realizados pela primeira vez durante a revolução de 1905 e renovados em Março de 1917, imediatamente após a queda do regime tzarista, esta idea dos conselhos regulando a vida política e económica do país, é uma grande idea. Ela traz, necessáriamente, outra idea de conselhos compostos de todos os que tomam uma parte activa na produção das riquezas nacionais pelo seu próprio esfôrço.

Mas desde que um país é governado pela ditadura dum partido, os Conselhos de Operários e Camponeses, perdem, evidentemente, todo o seu significado. São reduzidos à acção passiva que tinham gosado, nos tempos passados, os «Estados Gerais» e os «Parlamentos», quando eram convocados pelo Rei, e tinham, ao mesmo tempo, de se opôr a um todo-poderoso Conselho do Rei.

Um Conselho de Operários deixa de ser um livre e valioso conselheiro, quando não há imprensa livre no país; e nós temos estado nesta situação há perto de dois anos, sendo o estado de guerra a desculpa para tais condições. Mais do que isso, os Couselhos de Operários e Camponeses, perdem toda a sua significação quando a agitação eleitoral livre não precede as eleições, e as eleições são feitas sob a pressão da ditadura dum Partido. A desculpa usual, é que o podér ditatorial é inevitável, como meio de combater o velho regime. Mas tal podér exercerá, evidentemente, uma formidável acção regressiva, tam depressa a Revolução proceda à construção duma nova sociedade sôbre uma nova base económica: tornar-se há uma sentença de morte para a nova construção.

Conhece-se bem, pelos exemplos da História antiga e moderna, como é necessário conduzir-se para derrubar um govêrno enfraquecido. Mas quando se trata de reconstruir novas formas de vida, e súbretudo novas formas de produção e de troca, sem ter exemplos a emitar: quando tudo deve ser realizado pelos homens que dominam, então um govêrno poderosamente centralizado, que se encarrega de tudo, até de fornecer a todos os habitantes candieiros e fósforos para os acender, prova a sua incapacidade absoluta de realizar todo êste trabalho por intermédio dos seus funcionários, por muito numerosos que êles sejam. E assim começam os abusos.

Êste método desenvolve uma burocracia de tal maneira formidável, que o sistema burocrático francês que requer a intervenção de quarenta funcionários para vender uma árvore derrubada por uma tempestade numa estrada nacional, não passa duma bagatela em comparação com a burocracia russa. Eis o que se passa actualmente na Rússia. E é isto o que os operários do Occidente podem e devem evitar, por todos os meios no momento em que pensarem no sucesso duma reconstrução social, e depois que enviem aqui os seus delegados para verem como uma Revolução Social se apresenta na vida real.

A imensa obra construtiva exigida por uma Revolução Social, não pode ser feita por um govêrno central, mesmo que tivesse, para se guiar ao seu trabalho, alguma coisa mais substancial do que brochuras socialistas e anarquistas . . . Um tal trabalho exige o saber, o cérebro e a colaboração voluntária de toda uma massa de fôrças locais e especializadas, fôrças essas que podem resolver a diversidade de problemas económicos nos seus aspectos locais. Afastar essa colaboração e confiar no génio dos ditadores do Partido, é destruir todas as uniões profissionais operárias e as organizações cooperativistas de distribuição local — convertendo-as em orgãos burocráticos do partido, como agora se está vendo. Ora isto não é maneira de realizar a Revolução — antes é a forma de a tornar impossível. Eis porque entendo que devo acautelar-vos de seguir uma tal directriz.

Os conquistadores imperialistas de todos os países desejam que as populações do ex-império russo permaneçam em condições, tanto quanto possível, miseráveis. E, assim, pretendem obrigá-las a fornecer a Europa Occidental e Central de matérias primas, para que os manufactores do Occidente apresentem mercadorias manufacturadas, acumulando, por êste meio, todos os benefícios que a população da Rússia podia obter, de outra forma, com o seu trabalho. Mas as classes trabalhadoras da Europa e da América e as uniões intelectuais desses países, compreendem que sómente pela violência da conquista, êles podiam conservar a Rússia nessa condição submissa. Ao mesmo tempo, as simpatias com que a nossa Revolução foi recebida por toda a Europa e América, mostra-nos que sois felizes em saúdar, na Rússia, um novo membro da camaradagem internacional. E, certamente, vereis em breve que é no interêsse dos trabalhadores do mundo inteiro que a Rússia deve saír, tam cedo quanto possível, destas condições que agora paralizam o seu desenvolvimento.

* * *

Algumas palavras mais. A última guerra inaugurou novas condições de vida no mundo civilizado. O socialismo faz consideráveis progressos, e novas formas duma vida mais independente hão-de ser, em breve, conseguidas, e sob bases duma independência política local e intenções livres de reconstrução social, quere de um modo pacífico, quere por meios revolucionários, se as partes inteligentes das nações civilizadas se não juntarem na tarefa duma reconstrução inevitável.

Mas o sucesso desta reconstrução dependerá duma grande extensão da possibilidade duma estreita cooperação das diferentes nações.

Para esta cooperação, as classes trabalhadoras de todos os países devem unir-se estreitamente, e, para êsse fim, a idea duma grande Internacional de todos os trabalhadores do mundo deve ser renovada, não nos moldes de uma União dirigida por um simples partido, como era o caso da Segunda Internacional, e como o está sendo a Terceira. Tais Uniões teem, decerto, plena razão de existir; mas, ao lado delas deve haver uma União de todos os Sindicatos do mundo — de todos aqueles que produzem as riquezas — intimamente ligados, para poderem libertar a produção universal da sua presente escravidão ao Capital.

PEDRO KRAPOTKINE.

Maximalismo e Anarquismo

(CONTINUADO DO N.º 14 de «A COMUNA»)

XXXII

Maximalistas — Organização do podêr local.

A) *Soviets* de deputados; nas cidades, á razão de um deputado por cada 1:000 habitantes. O *soviet* constitue-se com o limite de 50 membros, mínimo e 1:000, máximo.

Nas aldeias e povoações de menos de 10:000 habitantes, elege-se um deputado por 100 habitantes e o *soviet* constitue-se entre um mínimo de três membros e um máximo de 50, por localidade. O mandato dos deputados dura três meses. Nas povoações em que isso seja realisável, os assuntos de administração local serão decididos directamente pela assembleia geral da localidade. Para os trabalhos correntes, constitue-se um *Comité* Executivo de cinco membros nas aldeias e povoações, e na proporção de um membro por cada 50 deputados, nas cidades; sempre, entre um mínimo de três e um máximo de 15 membros.

No que se relaciona com a República Russa, esta proporção não vigora em Petrogrado e Moscou, cujo máximo é de 40. Os *soviets*, na sua jurisdição, gosam da autoridade suprema. Nas cidades, o *soviet* reune-se, pelo menos, uma vez por semana, e duas vezes no mesmo praso, no campo.

O organismo imediatamente superior ao *soviet*, é o Congresso de Soviets. Os Congressos de Soviets são compostos do seguinte modo:

A) Congressos de regiões constituidos relativamente à proporção representativa seguinte: representante dos *soviets* urbanos e de congressos de distritos, à razão de um representante por 25:000 habitantes; deputados pelas cidades à razão de um representante por cada 5:000 eleitores. O máximo de deputados para o Congresso de região é de 500.

B) Congresso de govêrnos, composto de representantes dos *soviets* urbanos e congressos de distritos.

C) Congressos de distritos, constituidos por representantes dos *soviets*.

Anarquistas — A organização económica como se expôz já, é por agrupamentos. Por agora, pelo menos, não ha dentro duma ordem de justiça, plano que melhor concilie a liberdade individual com o bem estar colectivo que se objectiva. A organização por grupos é bem simples. O núcleo inicial de tôda a organização é o grupo. E no grupo estão todos os homens que se ocupam em determinada função, e na Federação de grupos afins, está o organismo coordenador imediatamente superior. O sistema por agrupamentos é bem conhecido: é simples e prático, muito superior a tudo que se concebeu antes ou depois da sua aparição.

O sistema de grupos abraça tôda a vida utilitária, isto é: a produção, o consumo e também as funções de caracter social, como sejam: a higiene pública, a estética urbana, etc.

Em face do regimen sovietista, como em face dos *municipios autonomos* que teem na sua constituição uma grande semelhança com o *soviet*, nós propômos a organização por grupos que não teem engrenagens supérfluas, nem complicações de espécie alguma, nem sequer regulamentos e protocolos embaraçosos, completando a condição igualitária e um princípio que é fundamental: a soberania do homem.

XXXIII

Maximalistas — O direito eleitoral corresponde a todos os cidadãos de um e outro sexo que tenham completado 18 anos de idade, sem distinção de religião e nacionalidade. Não podem ser eleitores sem representantes, todos aquêles que recebem rendimento do trabalho alheio, que vencem sem trabalho, como sejam capitalistas, comerciantes, industriais, proprietarios rurais, agentes de comissões, frades e sacerdotes dos diferentes cultos; os loucos e pessoas tuteladas; os indivíduos condenados a penas infamantes em virtude duma sentença regular.

Os eleitores que elegem um deputado ao *soviet*, teem sempre direito a retirar-lhe o mandato e a proceder a novas eleições segundo o regulamento geral.

Anarquistas — .....

XXXIV

Maximalistas — A política financeira do maximalismo na época transitória actual da ditadura dos trabalhadores, tem por objectò essencial expropriar a burguesia e preparar condições favorávels á igualdade geral dos cidadãos da República, no domínio da produção e da Repartição das riquezas. Põe, assim, à disposição dos orgãos do podêr sovietista todos os recursos necessários para satisfazer as necessidades particulares e gerais da colectividade sem vacilar em atacar a propriedade privada. O Congresso superior — a exemplo do Congresso Panrusso — ou o Comité executivo, determinam os diferentes importes que entram no orçamento geral e os que tenham de ser postos à disposição dos *soviets* locais.

Os *soviets* locais teem a faculdade de organizar orçamentos semestrais e anuais para as necessidades e obras locais; para questões e trabalho de ordem geral recebem os fundos do tesouro do Estado. Para as despezas não previstas nos orçamentos ou para os casos em que as quantias propostas sejam insuficientes, os *soviets* podem pedir créditos aos Comissariados do Povo competentes.

Anarquistas — .....

Nota — Este estudo comparativo termina aqui.

Atrevo-me a dizer que, apesar de estar em esboço, o agrupamento é muito superior, como organização, ao sistema sovietista.

Quanto às ideias, aos princípios fundamentais do maximalismo, não correspodem em grande parte a um conceito de Justiça e de Direito, como o anarquismo e, em todos os pontos, é inferior a êste.

O maximalismo pode ser defendido como norma de guerra ao capitalismo; mas não tem um fundo ideológico de verdadeiro valor moral como o anarquismo.

No meu modo de ver, convem insistir muito no sistema dos agrupamentos, simplificando a sua acção e estendendo a sua influência social, deixando os processos de organização maximalista, para a qual é imprescindível contar com meios semelhantes ao das organizações revolucionárias políticas, conquistando-se o exército e instituindo autoridades ditatoriais, sempre antipáticas e odiosas para o anarquista.

JOSÉ T. LORENZO.

EM DEFESA DO ANARQUISMO

VI

Falei da comunidade de bens; não quis dizer, contudo, que essa comunidade havia de obedecer a um sistema estreito de uniformidade igualitária, uniformidade de caserna — isso seria defender o absurdo. Também não sustentei um método exclusivo de acção. Para mim, o regime comunista só será um facto no dia em que todo o mundo puder dispôr dos elementos de produção — terra, máquinas, fábricas, minas, vias de comunicação e transporte, habitações, etc., e puder, igualmente concertar-se livremente para produzir, trocar ou distribuir os produtos, para viver, enfim, a vida, em tôdas as suas manifestações.

Comuns os instrumentos do trabalho, comum o que se chama capital social, bastará, a meu ver, a livre e voluntária cooperação de todos para se conseguir a igualdade económica e assegurar a total independência do homem. Assim como pela solidariedade afirmamos que, podendo cada indivíduo fazer o que quiser êle só fará aquilo que deve fazer, afirmar podemos também de que, pela cooperação voluntária se hão-de satisfazer tôdas as necessidades sociais, sem ser preciso recorrer a regulamentações arbitrárias e incongruentes. E como a comunidade de meios implica a comunidade de fins, todos os esforços pessoais hão-de concorrer, qualquer que seja a sua forma, para o bem estar geral.

Esta mesma comunidade de interesses é que ha-de garantir à sociedade a sua existência sem um govêrno, sem uma fôrça armada e sem uma justiça oficial. O govêrno, monárquico ou republicano não tem outro fim — isto na hipótese mais optimista — senão o de coordenar e harmonizar os desencontrados e antitéticos interêsses individuais. A fôrça armada só serve de instrumento nas mãos do govêrno para reduzir à obediência aquêle que não se conformar com as suas disposições e determinanças. A justiça oficial é o complemento obrigatório para sancionar as vontades governamentais e os actos de fôrça, bem como para defender os interêsses dos grandes contra os pequenos. Govêrno, fôrça pública e justiça oficial, constituem o *trio* necessário ao reino do privilégio: — são o sustentáculo desta desigualdade enorme que subordina uns homens a outros homens, que dá a uns ogôs o e a outros o sofrimento, que enriquece uns e empobrece outros.

Desaparecido o antagonismo de interêsses — e é evidente que na nossa hipótese anarquista e socialista a solidariedade o substitui vantajosamente — ¿para que serviriam o govêrno, a fôrça armada e a magistratura? ¿Que serviços deveria prestar a entidade governamental, que uso faria a fôrça armada das espingardas e que sentenças haveriam de ditar os *integérrimos* juizes, que medem todos os homens pela mesma bitóla? Na sociedade anarquista não é, pois, preciso nada disso.

Hoje mesmo, quando os interêsses particulares são solidários, o govêrno não precisa de intervir nêles, a não ser para lhe servir de estôrvo; o exército, que luz tranquilamente as suas espadas e as suas fardas pelas ruas, idem; e a magistratura que, bem a seu pesár, cruza os braços, também nada tem que fazer ali. E' mestér o conflito, a luta fratricida, o rancor, o ódio de classes, a brutalíssima tirania dos poderosos e a humilhante escravidão dos famintos para que a necessidade de um govêrno, de um exército e de uma justiça oficial se façam sentir.

Todo o mecanismo governamental — já o dissemos — só serve para manter, a bem ou a mal, a submissão dos de baixo, da massa anónima, e o podêr e o privilégio dos de cima, dos *escolhidos* da gente de *bom* sangue e melhor tom!. Em pleno regime de liberdade de acção, e sendo os interêsses comuns a todos os homens, não há necessidade de submissões, nem de violências, nem de decretos, nem de leis, nem de mandões. O acôrdo livre e voluntário, eis tudo. ¿Para quê um governo? ¿Para quê um exército? ¿Para quê uma magistratura?

As diferenças que, numa sociedade de iguais pudessem surgir entre os homens, seriam resolvidas pela intervenção amistosa dos companheiros do trabalho, ou de amigáveis criaturas de uns e outros, ou, enfim, por um grupo de indivíduos nomeados para tal fim. Entre as classes directoras, ¿não sucede isto hoje em dia E sendo assim, ¿de que barro são elas formadas para se diferenciarem dos outros homens?

A autoridade, pesando brutalmente sôbre os indivíduos, é a que engendra a rebelião. A fôrça armada é que incita à violência. A justiça oficial é o factor principal dos crimes. Prescindamos, pois, por um momento, das condições económicas e sociais que provocam a revolta e a violência. Não é verdade que a existência dum govêrno que dirija e obrigue todo o mundo a proceder segundo a sua vontade férrea nos obriga a ser rebeldes? ¿Não é verdade que a presença duma fôrça que nos ameaça é que nos torna violentos? ¿Não é verdade que uma justiça, constituida por homens cheios de vícios, de crimes e de faltas, mas que se arrogam o direito de julgar os outros, que se dizem possuidores de faculdades excepcionais, nos obriga a duvidar dela, a revoltarmo-nos contra a sua acção?

A pressão do sentimento geral é mais poderosa que tôdas as condenações e sentenças pseudo-justas. Só a iniquidade social, produzida pelo privilégio, é que necessita duma instituição abominável, contra a qual a opinião pública se vai revoltando pouco a pouco.

No dia em que todos os pretensos deuses do governamentalismo vierem à terra, ver-se há renascer o homem emancipado de tôdas as tutelas. Então será coisa facílima viver sem govêrno, sem exército e sem magistratura, agentes êstes duma sociedade ignominiosa, que, por nossa felicidade, está prestes a desaparecer.

RICARDO MELLA.

¿DITADURA DO PROLETARIADO?

Não pretendo com êste ou outros artigos ferir ou melindrar aquêles que, outróra anarquistas e conseqüentemente inimigos da lei e do Estado, hoje, aplaudem e defendem a Ditadura Proletária, considerando-a imprescindível para o bom triunfo da grande revolução que se avisinha.

Unicamente pretendo mostrar aos que assim pensam, que semelhante raciocínio se fundamenta num princípio erróneo, por quanto as conquistas revolucionárias só a própria revolução as assegura, e ninguém melhor do que ela, pode garantir ou defender, aquilo que é o produto do seu esfôrço, da sua energia e da sua actividade.

A Ditadura Proletária, tendo funções excessivamente centralisadoras, pode dar-nos um comunismo estatista, autoritário e estritamente centralisado, mas o que nunca nos pode dar, é o comunismo libertario, aquêle comunismo pelo qual vimos lutando de há longo tempo, e na defesa do qual desejamos morrer.

A Ditadura Proletária para se manter, necessita dum forte exército de burocrátas, os quais julgando podêr tudo e de tudo saber, querendo por êsse facto tratar de todas as cousas, acabando por extinguir o espírito revolucionário e construtivo das massas, as quais por fim, se ficam à espera, que a Ditadura faça, o que só elas podiam e tinham capacidade para fazer.

Por tôdas estas razões, os anarquistas, aquêles que sinceramente desejam levar a humanidade a passar sem leis nem govêrnos, aquêles que sincera e ardentemente desejam a completa emancipação dos oprimidos, não devem confiar em novos Messias, ainda que êsses Messias se digam os continuadores da obra dos grandes e antigos revolucionários.

Quando a Revolução Social fôr um facto, o povo não deve deixar pedra sôbre pedra do velho e carunchoso edifício burguês. Se assim não suceder, se o povo consentir que, sôbre as ruinas do velho mundo um novo govêrno se estabeleça, isso significa muito simplesmente, que o povo mais uma vez se deixou ludibriar pelos eternos aventureiros de tôdas as revoluções.

O princípio mais absurdo da sociedade capitalista, é aquêle que confere a meia dúzia de indivíduos o privilégio de governar e resolver os problemas que dizem respeito a milhões de criaturas.

Logo, por conseqüência, os anarquistas devem evitar por todos os meios ao seu alcance, que êste princípio subsista na sociedade futura, pois seria contraproducente achar então lógico e natural, o que na véspera se considerava ilógico e sem razão de ser.

O facto porêm de condenarmos a Ditadura Proletária, não significa que estejamos em desacôrdo com a Revolução, como alguns pretendem. Revolucionários por temperamento, tendo um ideal a iluminar-nos o cérebro, ideal que é tôda a nossa vida e cuja beleza nos faz vibrar de entusiasmo, desejamos abertamente a Revolução, mas uma Revolução em tôda a sua amplitude, que se não limite apenas a fazer uma simples mutação no scenário social, mas que, abolindo completamente o Estado e banindo todos os privilégios de casta, dê ao mesmo tempo ao povo, um ideal repleto de Liberdade, e a sua completa emancipação económica e social, emancipação essa, que se não consegue com a formação de novos Messias, que por seu turno iriam formar uma nova casta privilegiada.

Desejamos a Revolução e quanto antes, mas desejamos também, que a facção dos revolucionários sociais, saiba pautar a sua conduta pelos generosos princípios libertários, tendo a guiá-la na sua directriz como farol em alto mar, estas sacrosantas e sublimes palavras:

«Façamos por nossas mãos, tudo que a nós nos diz respeito.»

JOAQUIM GONÇALVES.

Monsanto — Grupo B — Preso por questões sociais,
30 de Julho, 1920.

Em prol de A COMUNA

A Secção Profissional dos Estucadores, de Lisboa, dividiu o saldo entregue pela comissão da Bandeira, na importância de 32$51, pelos jornais *A Batalha* e A COMUNA, e pelos presos por questões sociais.

Acabamos de receber a parte que nos coube, ou seja 10$84, que nos foram enviados por intermédio do camarada Vitor R. Araujo.

Também o nosso camarada Guerino Pelola, do Brasil, nos enviou um cheque e uma lista de subscrição por êle tirada e que rendeu 47$00 esc.

Apraz-nos registar e agradecer o auxílio que á A COMUNA vem sendo prestado por numerosos camaradas, porque êle representa, além de tudo o mais, uma perfeita identificação com o critério libertário que defendemos.

GREVE DA CARRIS

Já tinhamos o jornal quase composto, quando recebemos uma nota oficiosa do Sindicato das Artes da Viação, em que nos comunica a declaração da greve, pró-aumento de salário.

A COMUNA saúda o pessoal da Carris, pelo seu gesto reivindicador, e aconselha a maior solidariedade e inergia para vencer a resistência patronal.

Constantino Pestana

Depois de nove meses de cruciante sofrimento sucumbiu aos estragos da implacável tuberculose êste nosso dedicado e convicto camarada, que prestou relevantes serviços à classe a que pertencia — a classe dos ourives de prata — e à causa anarquista, de que foi um propagandista audaz e consciênte.

O seu funeral, que se realizou no dia 31 do mês findo, foi largamente concorrido.

A' beira do coval falaram os camaradas Pereira Braga, em nome do S. U. Metalúrgico, Costa Carvalho, em nome do Centro Comunista, de que o falecido era sócio, e Américo Garcia, em nome da família do saudoso extinto.

* * *

Pede-nos a desolada companheira de Constantino Pestana para, em seu nome, agradecermos a todos os camaradas, amigos e colegas do seu falecido companheiro, as provas de estima e solidariedade que lhe prestaram durante a sua prolongada doença.

LEIAM
A minha defesa
POR
JORGE ETIEVANT
Preço, 50 reis

ARTE & ARTISTAS

A RELIGIÃO

Entre as várias mentiras espalhadas,
p'ra servir os interêsses dos ladrões,
ocupam bom lugar as religiões
de Cristo, há muitos anos reveladas.

As prédicas divinas são cantadas,
em forma de «sentidas» orações!
E à sombra das grosseiras libações,
as gentes rudes são mui bem roubadas!

A Crença vem a ser a hipocrisia,
que tira aos corpos fortes a alegria,
para lhes incutir a estupidez.

Povo estúpido vive sempre mal,
não se revolta — serve o Capital,
e trabalha, trabalha p'ró Burguês!...

RAUL DE SOUSA.

O VINHO BRANCO DO SR. CURA

Numa aldeia do Condado Venaissin, cujo nome não vos citarei, pois a história é de fresca data, o cura da paróquia, que possuia um barril de delicioso vinho branco, notou uma bela manhã que o sobredito barril estava já meio vazio, apesar de para seu uso particular só ter tirado uma escassa quarta parte. Como haveis de supor, isto descontentou-o sobremaneira.

Esse cura não se demorou muito tempo na ideia de serem os culpados os seus meninos de côro, pois êstes nunca lhe entravam na adega sob pretexto algum. E' certo que êles não faziam grande cerimónia para escorropichar as galhetas às escondidas, como costumam fazer os meninos de côro de todos os países; mas a sua gula não passava dali.

As suspeitas do cura recaíram sôbre o seu sacristão, o qual tinha uma cara redonda que brilhava como uma taboleta. Depois de vigiar êsse sacristão durante alguns dias, o nosso cura não tardou muito em descubrir que era êle o verdadeiro culpado.

A princípio, folgou com o descobrimento; depois, ficou escandalizado com o facto; por fim, sentiu-se mui perplexo — «Desta vez, apanhei o sujeito!... Que patife, na verdade, êste Mário, um homem a quem eu teria dado a comunhão sem confissão... Sim, mas agora, ¿que hei-de fazer?»

Convêm saber que êsse cura tinha a seu serviço uma boa mulher de casa, nem muito nova, nem muito velha, jovial, viva e bem geitosa, em suma, uma serva que lhe convinha às mil maravilhas, a qual era casada com o sacristão; de modo que não podia despedir um dos cônjuges sem ao mesmo tempo se separar do outro — o que não o correria sem grande prejuizo para a sua pessoa.

Não obstante êstes temores e dificuldades, o nosso pároco achou conveniente dar algum aviso disfarçado ao seu sacristão, e logo no dia seguinte, na sacristia, enquanto ia e vinha nas suas ocupações, falou-lhe dêste modo:

— Vai-te prevenindo, Mário: olha que a Páscoa não está longe.

— ¿Porque me diz o sr. cura semelhante coisa? ¿Pensa então que eu não sei isso? ¿De que me serve andar há dezassete anos nas ordens em companhia de V. Rev.ma?

— Breve tens que pensar na confissão, redarguiu secamente o pároco.

— Graças a deus, não preciso de que V. Rev.ma me ordene, para eu o fazer. Espere ao menos que chegue o dia...

— Para uma boa acção, nunca é cedo de mais. ¿Percebes, Mário?

Qual! Mário não se arriscava a compreender.

* * *

No dia fixado para canfissão dos homens, isto é, na própria vêspera da Páscoa, apresentou-se o nosso sacristão ante o tribunal da penitência, expondo ali os seus pecados — com excepção de um só, que vocês advinham.

— ¿Disse tudo, tudo o que tinha para me dizer? insinuou o cura.

— Absolutamente tudo, respondeu o sacristão com firmeza.

— Veja lá, Mário, concentre-se, faça um esfôrço de memória, rabusque ao fundo da sua alma. ¿Não se lembra, por exemplo, de algum ruim pecado que se prenda com o da gula?

— Não, absolutamente... replicou o descarado sacristão.

O nosso cura não estava a gostar da brincadeira; mas, como queria a todo o custo arrancar-lhe uma confissão, submeteu de novo à tortura o seu obstinado penitente. Trabalho perdido: o Mário não arredava pé. O confessor nada pôde tirar dele, de modo que se viu forçado, sem vontade, a dar-lhe a obsolvição.

Logo em seguida, o dono do bom vinho branco atacou de novo Mário.

— Ora vamos, meu amigo, agora que já lhe perdoei os seus pecados e que nada mais tem que recear, concorde com franqueza que foi você.

— ¿Que fui eu o quê, sr. cura?

— Ora, ora! confesse: eu já o sei.

— ¿Mas o quê?

— Ah! isso é demais! — exclamou o confessor em tom severo. Diga-me cá: *Quem foi que beveu o vinho branco do sr. cura?*

Desta vez, Mário não deu resposta.

— *¿Quem bebeu o vinho branco do sr. cura?* — repetiu o padre, elavando a voz.

Nem uma palavra.

A mesma pregunta foi feita terceira vez, depois quarta, e Mário sempre calado. De maneira que o padre foi obrigado a dizer-lhe:

— Vá-se embora!

Mas não tinha o sacristão dado dez passos, quando o pároco, saindo rapidamente do confessionário, o chamou com impaciência. Em frente um do outro, fora do confessionário, disse o cura ao sacristão:

— Escuta, Mário...

— ¿Que é?

— ¿Não ouviste o que há pouco te preguntei, logo depois de te ter dado a absolvição?

— Não, palavra.

— ¿Isso é lá possível? Justos céus! Por cinco ou seis vezes te fiz a mesma pregunta e tú atreves-te a dizer-me que nada ouviste?

— Absolutamente nada.

— Ah! essa é forte!

— Decerto há no confessionário algum vício de construção que lhe dá más condições acústicas. Olhe, V. Rev.ma vai fazer pessoalmente um juizo da coisa: eu vou para o seu lugar e o sr. cura vai para o meu.

Assim se fez.

Então o sacristão, falando ao improvisado penitente e emitando o acento e a voz do cura, articulou distintamente estas palavras:

— Diga-me cá sr. cura: ¿quem foi que pôs os córnos ao sacristão?

Nenhuma resposta.

— ¿Quem foi que pôs os cornos ao sacristão? — repetiu o sacrista com voz forte.

Resposta, nada.

Depois de ter repetido quatro ou cinco vezes a pregunta sem obter a menor resposta, Mário saiu do confessionário, levantando-se então o cura.

— ¿Então? ¿ouviu o que eu lhe disse? — preguntou o sacristão.

— Ora essa! ¿pois tú falaste-me Mário? ¡Palavra de honra que nada ouvi!

— ¿!Isso é lá possível?! ¡Justos céus! Por cinco ou seis vezes lhe fiz a mesma pregunta e o sr. cura nada ouviu?

— Absolutamente nada.

— Ah! ¡essa é forte! — exclamou Mário.

— Não me custa acreditar que haja nêste confessionário algum vício de construção, disse o pároco.

— Ah! ¿não lho dizia eu? O sr. cura não queria acreditar em mim!...

Nesta altura, o sr. cura girou sôbre os calcanhares, e nunca mais tornou a falar da fuga do seu vinho àquêle maroto do Mário...

HENRIQUE DAGAN.

Apreensão de A COMUNA

Já estava pronto o nosso último número, quando tivemos conhecimento de que nos quiosques do Pôrto, fôra apreendida A COMUNA.

Prevenidos a tempo, de que o nosso jornal ia ser perseguido, tomamos naturalmente as nossas precauções, afim de evitar-mos os prejuizos que uma apreensão nos acarretaria. E de facto, A COMUNA, embora tivesse sido procurada, não foi apreendida nos primeiros dias, após a sua publicação.

Mais tarde, porêm, a polícia *lembrou-se* de novamente a procurar, efectuando então, na quarta e quinta-feira 28 e 29 p. p., a sua apreensão em alguns quiosques e tabacarias.

Mas, ¿porque se *lembrou* a polícia de procurar novamente A COMUNA? ¡Mistério! mistério, contudo fácil de desvendar, se quizer-mos dar crédito às notícias publicadas nos diários de terça-feira, 27, notícias que, aliás, ainda não vimos desmentidas.

* * *

Também a polícia, nos últimos tempos, nos tem visitado com certa assiduidade.

Não é estranhável o facto, por quanto, temos sempre a porta aberta, podendo, por isso, entrar quem quer...

E, talvez por êsse motivo, a polícia, ora fardada ora à paisana, nos vsita tão assiduamente. O mesmo faz o gato preto do nosso visinho do lado...

JUVENTUDE SINDICALISTA DE GAIA

Reune no dia 12 do corrente, para discutir as téses a apresentar ao congresso das Juventudes Sindicalistas, entrega de cadernetas e liquidação de cotas atrazadas.

Pede-se aos camaradas para não faltarem à reunião.

CENTRO COMUNISTA DO PORTO

A Comissão Administrativa dêste Centro lembra a todos os camaradas que ainda estão em débito de bilhetes para o último espectáculo, efectuado no Teatro Carlos Alberto, que devem vir satisfazer as respectivas importâncias, durante a próxima semana, na séde do mesmo, das 20 às 23, para que se possa em breve dar início às instalações das aulas de Português e Instrução Primária.

O negócio...

Dum jornal:

«*Cadiz — 21* — No mercado público houve, ontem, um grande escândalo. Uns mouros trouxeram para lá um carregamento de ovos que principiaram o vender a dez cêntimos cada um. Um vendedor habitual, revoltado contra semelhante barateza, começou a protestar contra ela. Houve tumultos, intervindo a autoridade para expulsar os mouros, que haviam cometido o terrível crime de favorecer o público, vendendo-lhe ovos mais baratos. Por fim, tudo serenou, sendo obrigados os mouros a vender os ovos pelo preço da tabela — a 35 cêntimos o par!»

Vejam como está a sociedade burguesa — a sua moral, é moral dos ladrões. Mas, apesar disso, já não tem concerto. E' que não há linhas que a segurem...

COMPRAI

A COMUNA

nos seguiutes locais:

LISBOA

Federação da Construção Civil — Calçada do Combro, 38

Tabacaria Barbosa — Rua do Carmo, 67.

Rosa & C.ta — Rua do Poço dos Negros, 91-A e 93.

Tabacaria Araujo — Rua da Palma, 59.

Tabacaria Beltran — Rua da Escola Politecnica, 84.

Tabacaria Ideal — Rua dos Correeiros, 211.

Tabacaria Pires — Rua do Poço dos Negros, 110-112.

Tabacaria Condes — Avenida da Liberdade.

Tabacaria Saraiva — Travessa de S. Domingos, 4 e 6.

Tabacaria Vouga — Rua do Rato.

A Moldura do Castelo — Largo do Intendente, 58.

Nunes & Pinto — Rua da Bica do Sapato, 16.

Quiosque de Alcântara — Júlio Joaquim Pimenta.

Sindicáto Unico Mobiliário, continuo — T. da Agua da Flôr, 16-1.º.

Mercado Literário — José da Silva Oliveira, Calçada do Combro, 38-A.

Tabacaria Pereira — Rua do Livramento, 56.

PORTO

Em todos os Quiosques e Tabacarias.

SETUBAL

Barbearia Quaresma — Avenida Todi, 322.

SACAVEM

A. J. Neves — Largo da Feira, 74.

VIANA DO CASTELO

Quiosque Universal.

Aos nossos assinantes da América do Norte

Participamos aos nossos estimados assinantes dos Estados Unidos da América, que podem fazer o pagamento das suas assinaturas ao nosso camarada Manuel Moutinhs, 124 c County Street — New Bedford Mass.

COMO SE ESCREVE A HISTÓRIA

Num *Cours d'histoire*, adoptado agora nas escolas de França, lêem-se bocadinhos edificantes, que não resistimos à tentação de os traduzir, para se ver como são feitos os livros de ensino... essencialmente burguês:

«§ 18 — *Clemenceau, ministro da guerra* — A campanha defectista que os alemães conseguiram introduzir na Rússia e na Itália, repercutiu-se também em França, revelando-se inúmeras traições. Foi então que a opinião pública guindou ao podêr um enérgico ancião — Clemenceau. Auxiliado pelos nossos grandes chefes, Clemenceau exalta o entusiasmo e a vontade dos seus concidadãos. Renasce a confiança. O defectimo desaparece.»

Quantas palavras, quantas mentiras! E é para crianças que aquilo foi escrito. Mas há mais:

«§ 20 — *Revolução Russa* — A 15 de Março, Nicoláu II abdica, o que não impede a sua prisão e a de sua família. Os chefes do novo govêrno, Lénine e Trotsky, aceitam da Alemanha ordens e dinheiro; êles aterrorizam o povo. Assim, pela fôrça do seu declive natural, os Russos voltaram aos antigos tempos da escravidão, e traíram-nos...»

Pobres crianças! Com tais ensinos, ¿que idea farão elas das coisas que estão nos livros?

Dantes dizia-se: a França é o cérebro da Europa. Mas hoje... Hoje, está um pouco avariado, como se vê. E se a classe operária não se põe a toques, então lá irá êle caír nos braços da reacção e do jesuitismo, triunfantes...

Publicações recebidas

A Transformação da Sociedade pela acção do Sindicalismo Revolucionário, por *José dos Santos*.

Recebemos êste interessante folheto de propaganda sindicalista, escrito em linguagem popular e acessível a tôdas as inteligências, em que o seu autor o nosso camarada José dos Santos demonstra, com valiosos argumentos, o valor do Sindicalismo como agente de transformação social e o melhor sistema de organização para regularizar no futuro a produção e consumo segundo o critério comunista libertário.

Do primeiro capítulo dêste valioso trabalho destacamos o segundo periodo:

«Interpretemos nós a fundo quanto a organização Sindicalista contem, e veremos que não póde haver outra que resultados mais práticos apresente, isto é, para alcançar-mos mais fácilmente a sociedade anarquica, para a qual todos os libertários devem trabalhar, sem que preciso seja transigir, até ao maximalismo, porque isso seria, para os que se dizem anarquistas sair fora dos seus principios libertários, porque, êles próprios, implantariam um estado, no que dia seguinte lhes não deixaria propagar as suas idelas».

Recomendamos aos trabalhadores a leitura dêste útil folheto, e, felicitamos o seu autor pelo seu trabalho, agradecen-lhe também os exemplares que nos enviou para serem vendidos a favor de A COMUNA.

SI VIS PACEM...

A Inglaterra, já agora a clássica fautora da paz — catapum! — tem em experiências um canhão monstro, de largo alcance!

Semelhante máquina de morte, mede 25 metros de comprimento. A primeira granada que êle disparou foi rebentar a 112 mil metros de distância; e a segunda, a 118 mil!

Apesar disso, os engenheiros continuam a aperfeiçoar êsse sinistro instrumento das malditas guerras, e afirmam que êle há-de ter uma potência de deflagração que prejecte as granadas a 200 quilómetros de distância!

O infamíssimo *Si vis pacem, para bellum* da teoria capitalista — *Se queres a paz, prepara-te para a guerra* — não tem fim. Naturalmente é porque os trabalhadores a consentem. Senão...

Senão já ela teria dado... o *arrôto* mestre!

A avareza

A avareza é uma árvore estéril: a humanidade pereceria se tivesse de se alimentar dos seus frutos. A moral burguesa — «amealhemos o dinheiro» — tem envilecido gerações e povos inteiros: um grave perigo reside, portanto, na difusão de semelhante teoria. Essa paixão de coleccionar bens que não se desfrutam, rejuvesnesce com o decorrer dos anos — é o contrário de tôdas as outras coisas. Assim, o que se mostra forrêta na juventude, chega até a assassinar, por dinheiro, na velhice.

A avareza endurece o coração, fecha-o à fé, ao amor, à esperança, ao ideal. Se um avarento possuisse o Sol, deixaria o universo às escuras para que o seu tesouro se não gastasse. E' que êle além de esconder o que tem, vale-se de todos os estratagêmas para obter mais, sempre mais — e quanto mais possui, mais miserável se nos apresenta. Para guardar quantiosas somas no seu cofre forte, renuncia à dignidade e ao bem estar; êsse afan de arrebanhar o que nunca há-de gosar, constitui a mais sinistra das misérias.

A avareza iguala-se à inveja. E' a pústula moral dos corações envelhecidos...

JOSE INGENIEROS.

Provas esmagadoras

Em Madrid faleceram, durante o mês de Junho findo, 178 individuos, vitimados pela tuberculose pulmonar. 92 por cento pertenciam à classe operária, segundo reza a respectiva estatística de onde extraímos esta notícia.

Quere isto dizer, em boa e excelênte lógica, que o proletariado vive mal, porque trabalha em oficinas anti-higiénicas, habita pocilgas infectas e não come o suficiênte para obter uma correspondente reparação das fôrças perdidas durante o dia.

Apesar, porêm, destas provas esmagadores contra o actual estado de desigualdade, muito *boa gentinha* se horroriza quando lhe falam numa revolução que termine de vez com semelhantes anomalias!

E teem razão: — se é à custa da infelicidade dos párias que ela constroi a sua felicidade!...

Ah! Mas isto há-de ter um fim. E muito mais breve do que o que essa *boa gentinha* imagina.

E' que os povos vão abrindo os olhos...

O jôgo inglês

A Burmah Oil C.º, exploradora de jazigos petrolíferos, anuncia um dividendo de 50 por cento aos seus accionistas, que são todos ingleses!

Pelo govêrno romaico, foi concedido, por 5 anos, o monopólio dos jazigos petrolíferos em tôda a Roménia, à C.ª Indústria Romena de Petrol, que tem um capital de 100 milhões de *lei*, ou sejam 18 milhões de escudos, câmbio ao par.

E vivam os donos do mundo!

Estes ingleses, êstes ingleses! São uns verdadeiros... piratas...

No seio das tribus selvagens, o assassinato entre membros da mesma tribu não é mais freqüênte que nos estados civilizados.

MAX NORDAU.

Alegraivos... carneiros!

Os tosquiadores de carneiros de Queesland e de uma parte de Riveima, no Novo Pais de Gales, reclamaram duas libras por cada cento de carneiros a tosquiar e apenas 44 horas de trabalho por semana; esta reclamação foi feita por intermédio da Australian Workers Union's. Os criadores de gado concedem o aumento, mas não a redução das horas de trabalho, pelo que, 20 milhões de carneiros deixarão de ser tosquiados, se os seus tosquiadores não chegarem um acôrdo com os criadores...

Sempre há coisas... nêste mundo!

O PROGRESSO!!!

Imitando os Estados Unidos e a Alemanha, a república Argentina acaba de fazer os seus ensaios de Polícia-aérea!

Para êsse fim, organizou uma esquadrilha de quatro aviões os quais utilizará para transmitir ordens urgentes, transporte de *féras* em caso de «alteração da ordem pública», vigilância das linhas férreas em caso de grave, perseguição de gatunos, etc., etc. e etc.

Os aviões serão armados com metralhadoras.

O progresso! O progresso! Até serve para os bandidos continuarem nos seus desmandos e vilanias...

LEDE

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Porta-voz da organização operária portuguesa

NOTAS DUM PERDIDO

XIX

Aquela parte da velha Sarmatia, cujos filhos nativos eram da raça slavónica, que se tornaram independentes aí pelo ano 550, da era cristã, só século X começou por ser conhecida pelo nome de Polónia. Durante longos séculos, o seu solo foi teatro das maiores ambições guerreiras, invadiu e foi por vezes invadido pelos estados vizinhos; e por volta de 1498. os valaquianos, que hoje fariam parte da Roumania, só dessa vez lhes arrebataram mais de 100 mil habitantes, que foram vender aos turcos, como bons e possantes escravos. Em 1772, após lutas intestinas e enfraquecida pela guerra civil, os corvados da Rússia, da Austria e da Prússia trataram de partilhar o seu território entre si. De então para cá a independência dos polacos tem sido agitada entre aquele direito irrefragável dos pequenos povos para gerirem os seus destinos, não havendo ninguêm, por maiores grenhas que tivesse, que lhes não dispensasse um pouco da sua simpatia. Estalou a guerra mundial; e, para captar, os aliados fizeram incluir nos seus pomposos programas a libertação e independência das pequenas nacionalidades; vitoriosos, trataram de fabricar Estado e Potências ao sabor dos respectivos imperialistas; e, como a independência da Polónia era garantida por território que sôbretudo, *não estava* sob a tutela directa dos ingleses ou dos franceses, e ainda como a Polónia seria um dos élos da cadeia de pequenas nacionalidades criadas para circular e *impedir* a expansão do sovietismo russo, os aliados trataram de a armar, disciplinar e tornar forte, inoculando na burguesia desejos imperialistas e militaristas, metendo na trêta dos ambiciosos para que se alargassem pela Rússia dentro, cá pelo Ocidente, enquanto pelo Oriente outros serventuários tratariam da pele dos pobres bolxevistas. Aos franceses convinha-lhe, do outro lado da Alemanha; e, falido o aliado tzarista, criar o seu talvez maior Estado militar aliado da Europa e aos franceses subordinado; para isso proporcionavam aos oficiais polacos a instrução nos seus colégios militares enquanto a burocracia frequentava e se divertia nos *boulavards* aristocráticos de Paris. Munições de guerra e dinheiro não lhes faltariam por parte da França e da Inglatera; os franceses os auxiliariam desde já no comando e lhes forneceriam os seus canhões 75; os ingleses uniformizariam todo o exército e por sua vez os americanos dispensariam desde logo, como transportaram para Dantzing, o que lhes havia sobjado dos seus exércitos na França, isto é, armamento para 200 mil homens, 80 locomotivas, 4.500 camions para transporte de tropas, 2 milhões e meio de quilos de margarina, 100 mil toneladas de farinha, além de uma miscelânea considerável de material, forrageus, etc., sobre uma base de pagamento dentro de seis anos, mas com um *juro de cinco por cento*.

Julgando-se já fortes para grandes aventuras e esperançados no apoio dos imperialistas da *Entente*, e por êstes espicaçados a burguesia e os novos imperialistas polacos, trataram de executar o plano elaborado pelos primeiros, começando por invadir a Ucrânia, onde, numa proclamação à população, diziam que «vinham ali para expulsar o opressor extrangeiro do território ucraniano». Os polacos imperialistas começaram por fingir que apenas exigiriam dos sovietes o reconhecimento das antigas fronteiras de 1772; mas o traiçoeiro e ignóbil ataque realizou-se numa frente de mais do 400 quilómetros. Supondo-se triunfantes pelo inesperado do ataque, o general Pilsudki, que os comandava sob inspiração, também provou-se depois, do War Office, de Londres, recebeu do rei George um telegrama de congratulações que terminava esperançado em que com a aurora duma nova era, a Polónia gosará de uma ilimitada *paz* e prosperidade. A paz e a prosperidade seria, está bem de ver, semelhante à paz que em sua Varsóvia os tzaristas ali fizeram reinar, baseada agora sôbre o sangue dos bolxevistas que esperavam vencer.

A atrocidades que êstes invasores praticaram foram bem equivalentes às do exército de Deuikine ou de Koltchak que a êste depois custou a vida, fusilando sem piedade os Comunistas, perseguindo, torturando e massacrando os judeus e assasinando até, barbaramente, todos os membros da Cruz Vermelha Russa, a que presidia Vessefovski. Alguns oficiais, acusados destas iniquidades, ainda foram chamados aos tribunais mas para serem absolvidos.

Até aqui a pequena história de uma das pequenas nacionalidades, que os grandes Estados se propunham defender e libertar..., mas na medida dos serviços que podessem vir a prestar aos ambiciosos e financeiros intuitos. O resto identificará os leitores, sabendo que as fôrças revolucionárias dos sovietes infligiram o merecido correctivo aos seus agressores, confessáveis e irreconciliáveis inimigos. Para isso, além do ardor que anima os bolxevistas a defender a liberdade conquistada, contribuiram também e muitissimo desta vez, os trabalhadores de alguns países negando-se a transportar e a carregar munições que fossem servir para armar ainda mais os imperialistas polacos ao serviço dos sequases govêrnos da Entente contra as fôrças defensoras da república socialista.

Quando os trabalhadores querem...

GRAND-GOSSE.

Aos nossos assinantes e agentes

Por êste meio levamos ao conhecimento dos nossos assinantes e agentes que vamos iniciar a cobrança dos seus debitos.

Os assinantes e agentes de Lisboa que desejem antecipar-se no pagamento, evitando-nos despezas do correio, podem fazê-lo por intermédio da administração de «A Batalha».

A todos os agentes do país e Brasil, lembramos a conveniência de fazerem as liquidações mensalmente afim de evitarem dificuldades à vida do jornal.

AOS ORGANISMOS OPERARIOS

Sendo do máximo empenho do grupo editor de A COMUNA dar a maior expansão à publicidade do movimento sindical — julgando assim prestar um grande serviço ao desenvolvimeto da organização proletária, serviço êste que será o mais largo possível logo que êste jornal atinja o seu objectivo, como seja a sua publicação diária solicita a tôdas as corporações operárias para que enviem as suas informações para esta redacção até terça-feira, de cada semana, a fim de serem publicadas na COMUNA.

UMA NOVA DIRECTRIZ

O pensamento dos homens que batalhavam por uma idea, como a tática dos combatentes que lutam por um principio, definem sempre uma necessidade individual, ou uma orientação a tomar em beneficio dos organismos, no campo aberto da conveniência social.

Chegou o momento em que alguma coisa de muito grave se passa, para que aqueles que, na vanguarda da causa social, perfilhando e defendendo o comunismo anárquico, possam calar os seus impetos de Mal estar, originados numa propaganda de principios estranhos, lançados à publicidade pelo jornal avançado a *Bandeira Vermelha*.

Na verdade, quando se observa o incremento progressivo da causa Libertária, é para temer que jornais nascidos duma paixão idealista, e orientados pelos mais fervorosos paladinos do anarquismo venham como que traiçoeiramente, fazendo a mais condenável propaganda de um principio desconhecido, nos programas do anarquismo.

De facto, nas fileiras comunistas começa a esboçar-se um justificado receio, e teme-se, presentemente, senão uma traição aos grandes principios de Liberdade, pelo menos um orientação errada na propaganda da idea, pois não póde satisfazer nêste momento a circunstância anormal, de que venha impunemente, em público, fazendo uma propaganda adversa, um jornal que veio à liça para radicar no ânimo dos portugueses, o sentimento puro do comunismo anárquico.

Ninguêm conhece os ventos extranhos que ultimamente fizeram abalar na sua orientação primitiva, a Federação Maximalista e o seu orgão.

Sabe-se apenas que a revolução se aproxima a passos de gigante; e, no momento preciso em que ela se avisinha, derrubando tronos e galgando fronteiras, ainda nós, descuidadamente como que se o momento não fosse de guerra, estamos concertando a maneira de agir, a forma de combater, e a orientação que devemos tomar, quando é certo que, nêste momento, o plano deveria estar convenientemente traçado, e até mesmo devidamente destribuidos os militantes nos seus póstos de ataque.

O momento é positivamente grave; e, mal avisado anda, quem não estiver firmemente preparado para o primeiro embate das fôrças vermelhas com o inimigo, que facilmente aproveitará o impreparo proletariano para vergar à fôrça das suas armas o triunfo da causa humana.

Se nesta hora consultarmos atenciosamente a nossa consciência, ela aponta-nos imperativamente o caminho das trincheiras vermelhas, onde devemos esperar o inimigo que na sua fúria desabrida arremete, num gesto lancinante de salvação burguesa.

Não quero atacar opiniões individuais que, na *Bandeira Vermelha* se assinam, e eu muito considero e respeito, como principio de correcção e lealdade combativa; mas é meu desejo verberar asperamente a orientação jornalistica daquela fôlha, que sendo criada para a difusão do anarquismo, claramente o compromete na pujante beleza da sua perfeição máxima, com ideas diferentes que, sòmente em outro campo poderão frutificar e criar alento.

No campo anárquico não podem, nesta altura, admitir-se novas teorias, nem novos processos de propaganda, que sòmente trazem como conseqüência o estagnamento, senão o retrocesso ao ponto de partida.

Não compete aos partidários do comunismo anárquico propagar ideas que não atinjam o ponto culminante do nosso querer, e, por conseqüência, duma ideia traçada que, indubitavelmente terá que nortear os revolucionários até à última *etápe* onde nos possa conduzir a necessidade combativa da Revolução Social.

Necessariamente a *Bandeira Vermelha* saíu fóra do seu campo, e abandonou os princípios doutrinários que satisfaziam plenamente os sacrificados que lhe deram vida: a sua propaganda é nefasta e perniciosa à marcha evolutiva da idea, que se firma e radica fortemente, tanto mais que, não poderemos advinhar presentemente as necessidades momentâneas da sociedade futura, ou os meios de defesa necessários ao triunfo revolucionário da causa dos trabalhadores.

Tudo nos indica e habilita a crer que a acção revolucionária em Portugal será inteiramente diferente daquela que a Rússia empregou e emprega, para a manutenção do regime socialista, que na verdade melhor orientação poderia ter tomado.

O nosso povo é outro, como outro e o momento que passa; e outro ha-de ser o momento em que sair à rua a revolução popular.

Os portugueses são bons revolucionários pela prática adquirida na sua terra: teem o espírito combativo e os grandes exemplos da Rússia, e não precisam certamente de ir ao Oriente buscar um figurino de govêrno, que de maneira nenhuma poderá satisfazer o pensamento do comunismo anárquico em Portugal, e o desejo ardente dos revolucionários da nossa terra, a quem só êste princípio satisfaz, e êste princípio saberá conquistar de arma aperrada no campo do combate, antes que qualquer aventureiro contaminado pela ambição do podêr, se possa arvorar em pai do povo, ou rei dos portugueses.

28 | 5 | 920.

NOGUEIRA LOPES.

A nossa Alegoria

Encontra-se já á venda na nossa administração, a magnífica alegoria publicada no nosso 1.º número e impressa em separata em ótimo papel.

O seu preço é de $25 cent. cada exemplar, devendo os pedidos virem acompanhados da respectiva importância.

Conta corrente de A COMUNA

DE ASSINATURAS

Porto—Domingos Pinto, $63; Lino A. Ferreira, 1$00; Armando Marques, $85; Manuel da Branca, $20; Alfredo Marques, $65; J. M. de Paiva, $50; Anastácio Ramos, $60; António Cunha, $50; Alberto A. de Castro, $55; Norberto T. de Carvalho, $50; Celestino Peixoto, $50; D. S. F. Sêca, $50; António L. Gonçalves, $60; Luís A. de Carvalho, 1$20; M. F. Cidade, $50; Juventude S. Metalúrgica, $50; A. Mesquita, $05; A. R. Barrosa, $60; Antônio T. Gomes, 1$30. *Espinho*—Manuel A. Silva, $40; Luís S. Frutuoso, $40; A. A. Silva, $40. *Fanhais*—J. Paiva de Sousa, 1$00. *Vieira do Minho*—Firmino d'Azevedo, 1$00. *Vila da Feira*—M. S. Neto, $20; Lino Cosme, $50; Ricardo F. Campos, $20; Joaquim S. Pinho, $20. *Alhadas*—Cobrança feita V. Lopes, 5$60. *Foz*—Manuel J. S. J., $40. *Anadia*—M. F. Tomé, $37. *Olhão*—J. Rita, 1$00. *Terrugem*—J. M. Canhoto, $00. *Monte Trigo*.—M. Cabral, 2$00. *Gaia*—M. C. Galgalho, $20; J. F. Pinto, $55; A. A. Ferreira, $50. *Póvoa do Varzim*—M. C. Calafate, $90; M. R. Pereira, 1$00. *Bragança*—T. J. Pires, 4$14. *Lisboa*—D. R. Gama, 1$00; Secção Sindicalista de Belêm, $70; L. Cabral, 1$00; A. Freitas, $60; C. M. Fernandes, 1$16; E. Lúcio, 1$50. *Leiria*—A. Rodrigues, $50. *Vila do Conde*—J. J. Camisa, $60; M. R. Cruz, $50. *Maia*—J. de Barros, $50; C. O. e Sá, 2$80. *Vizela*—E. V. Pouca, $30. *Vila Rial de Santo António*—J. Braz, 1$60. *S. Tiago de Cacem*—J. F. Basilio, 1$00. *Lamego*—Soeiro, A. Guedes, M. Silva, 3 a $60 cada um. *Felgueiras*—E. Mendonça, 1$00. *Oliveira do Bairro*—J. D. Baptista, $60. *Vale de Cavalos*—M. António, $50. *Ermezinde*—S. A. Pimenta, $50. *Aldegalega*—J. L. dos Santos, 2$30. *Salgueiral*—M. A. R. Cão, 1$20. *S. Braz d'Alportel*—Cobrança feita por J. Madeira, 7$50. *Boliqueime*—Rozendo, $85; A. S. Pedreirinho, 1$65. *Castelo Melhor*—J. C. Barça, 2$60. *Alhandra*—A. R. da Costa, $78. *Reguengo Grande*—M. Celorico, 2$50. *Redondo*—P. J. Galgo, 1$96. *S. Mamede*—M. P. Ribeiro, 1$00. *Extremoz*—M. M. Gouveia, $65. Cobrança pelo correio em diferentes terras do país 158$03. *Açores*—*S. Miguel* J. J. Cabral, $50. *Ilha do Pico*—M. S. Nunes, 2$00. *França*—M. F. dos Santos, 1$03. *América*—A. R. Rebelo, J. Mota, J. Santos, 3 a 10$00 cada um; M. Marques, 5$00; J. M. Soares, 12$50; A. de Almeida, 7$00. Soma, 292$33.

VENDA DE JORNAIS

Porto—Redacção, 4$45; Roboredo, 34$70; M. Soares, 1$90; A. Rodrigues, $60; A. Morais, 1$60; Anastácio Ramos, 5$50; J. Francisco, 3$15; Costa Carvalho, 11$25; J. N. de Melo, 2$41; Torres, chapeleiro, 1$50; D. Castelo, 1$00; Mário, $80; Quiósques e tabacarias, 43$10. *Lisboa*—A. G. Pina, 3$75; Maximiano Loureiro, 32$00; C. Cruz, $75; F. Fernandes, 31$0; Juventude Sindicalista de Belêm, 4$00; Luís Machado, 5$00; José Nunes, 10$00; José Sanchez, 5$00; J. S. Oliveira, 2$40. *Espinho*—A. P., 1$15. *Póvoa de Varzim*—Associação de Classe dos Alfaiates, 1$18; *Coimbra*—Tabacaria Pátria, 2$92. *Oliveira*—A. Manuel, 4$50. *Matozinhos*—J. Ocliste, 4$20. *Amarante*—A. da Silva, 1$40. *Faro*—J. dos Santos, 3$40. *Vila Franca de Xira*—F. Dias, $50. *Amora*—M. Costa, 7$20. *S. Manços*—A. R. Vidigal, 4$20. *S. Bartolomeu de Messines*—J. da Silva, 5$00. *Brasil*—Pará Gentil da C. Santos, 30$00. (Rio de Janeiro) V. Correia, 23$92. Soma 316$07. Total, 608$45.

DESPEZA

Papel para os n.os 10, 11, 12 e 13	231$75
Composição dos n.os 10, 11, 12 e 13	97$00
Impressão dos n.os 10, 11, 12 e 13	60$00
Selos para expedição e cobrança	27$90
Carretos	7$40
Aluguer da casa	6$00
Carimá e sabão	4$80
Luz eléctrica	2$40
Deficit anterior	207$88,5
Soma	645$13,5
Receita	608$45
Déficit para o mês de Agosto	36$63,5

Pôrto, 31 de Julho de 1920.

Dormido Castelo
(Tesoureiro)

Em volta dum incidente

Nós e a "Bandeira Vermelha"

Com o título acima, publica a *Bandeira Vermelha* um extenso artigo em que pretende defender-se, e... justificar-se da deslealdade praticada para connosco.

Não levantaremos polémica. Não serve para isso o nosso jornal, que tem outra missão bem mais elevada a cumprir.

Podiamos mesmo não responder, já porque as pessoas inteligentes e criteriosas que nos leem sabem de que lado assiste justiça, já porque a *Bandeira* não veiu à estacada por ter razão, mas sòmente impelida «por um natural sentimento de desfôrço», e porque o seu «silêncio póde ser tomado por covardia».

Há porêm, no artigo da *Bandeira* periodos que é indispensável esclarecer.

Porque não publicámos a nota do Sindicato dos alfaiates já explicámos no passado número, e pouco mais temos a acrescentar. Era uma questão pessoal que se levantava e que nos forçava a respeitar ao alvejado o direito de defeza, direito que o interessado poderia — se fosse de má fé — levar habilmente até a defesa dos seus interêsses de classe. ¿Ficava bem isto nas colunas de A COMUNA? Cremos que não, e evitamo-lo. Mais ainda. A COMUNA não é um orgão corporativo, mas de propaganda doutrinária não sendo por isso obrigada a seguir os «bons princípios» a que está «sujeita a imprensa sindical». Não se cometeu portanto uma infracção e, é uma torpeza afirmar-se que nos «subordinámos a impulsões afectivas» ou «a uma forte sugestão pessoal exterior», por quanto, Amadeu C. da Silva logo que soube que pelo Sindicato dos alfaiates nos fôra enviado um comunicado e que nós o não publicavamos, procurou-nos pedindo insistentemente para que publicassemos o referido comunicado, que êle, Amadeu, depois se defenderia.

A «cortezania que A COMUNA demonstrou para como o rico indústrial anarquista» foi recusar a satisfação dêsse pedido. E da mesma forma procederia, se em vez de *pedido* fosse *imposição*.

Não temos por hábito, nem isso está no nosso carácter, no nosso temperamento — e o director de *A Bandeira* já o deve ter sentido — curvar-nos a imposições ou exigências seja de quem fôr, por mais amigo ou mais inimigo que se nos apresente. E quem duvidar... que faça a experiência...!

Não usámos de parcialidade «sobrepondo indivíduos a classes». Banimos simplesmente a questão pessoal das nossas colunas, como já anteriormente tinhamos feito em casos identicos (1). E diga-se de passagem, se tivessemos tratado doutrinàriamente o conflito travado entre a classe dos alfaiates e os industriais ver-se-hia que nos colocámos também do lado da razão. E' que a questão social não é simplesmente uma *questão de barriga*, como por um comissionado dos alfaiates foi dito a um indústrial.

E não temos dúvidas, de que, como nós pensaria também o articulista de *A Bandeira*, se durante a sua permanência nesta cidade, tivesse fugido um pouco ao convívio dos Zoilos e procurasse investigar a verdade, ouvindo gregos e troianos.

Finalmente julga *A Bandeira* que «perdemos a cabeça e nos desorientamos» por termos insinuado que ela obedecia a uma pressão utilitária ao publicar a nota em questão. Bem sabe o director da *Bandeira* que com facilidade poderemos elevar a *insinuação*, à categoria de *afirmação* pois que, por mais de uma vez a *Bandeira* se tem curvado a impusições do seu agente único no Pôrto, que ameaça sempre deixar de ser agente no caso das suas determinações não serem cumpridas. O agente manda, o director obedece. Caso contrário lá se vai a venda dos 1.000 exemplares. Nós próprio, já lemos uma carta do agente redigida nêste sentido.

O próprio director da *Bandeira* confirmou êste conceito com as explicações que pessoalmente nos deu, em resposta a uma carta que lhe enviamos em 24-2-920.

Assim, o agente do Pôrto empregou a sua influência para que a nota dos alfaiates fosse publicada, e a *Bandeira*, que, em obediência aos «bons princípios da imprensa sindical», nunca, — que nos lembre — publicou notícias dos sindicatos, publicou aquela! ¿Porquê? Porque alvejava A COMUNA!

Pretendeu a *Bandeira* fechar com chave de ouro o seu arrasoado, fazendo salientar o seu *gesto* de prevenir-nos de que a A COMUNA ia ser perseguida.

Mais lhe valia, amigos, não falar em tal, pois a *nobreza dêsse gesto* ficou totalmente prejudicada pela denuncia depois feita no *govêrno civil* desta cidade, e da qual resultou a apreensão d'A COMUNA no dia seguinte.

E, pela nossa parte, temos dito. Não mais voltaremos a falar em tam mesquinho assunto.

(1) Em 13 de Junho recebemos da Associação de Classe dos Alfaiates da Póvoa do Varzim, uma noticia em que se atacava um sócio duma alfaiataria daquela localidade, pondo em confronto a sua atitude durante a *greve*, com as suas ideias BOLXEVISTAS.

Não publicámos essa noticia, pela mesma razão que não publicámos depois a noticia dos alfaiates do Pôrto.

Há apenas uma diferença a registar: do *rico indústrial bolxevista* da Póvoa do Varzim, não recebemos nenhuma nota de cem escudos, e... nem sequer o conhecemos.

E' que nós, nos bolxevistas, fazemos estas coisas de graça...!